

poemas d'

ACIDADE FRITA

Rodrigo M Leite

poemas d'A CIDADE FRITA
Rodrigo MLeite

3ª edição
reduzida / modificada / ampliada





**Esta edição, sob o título de “poemas d’A Cidade Frita”,
reúne alguns poemas publicados em duas edições
anteriores dos livretos d’A Cidade Frita
(1ª edição, abril de 2012 / 2ª edição, junho de 2012),
alguns poemas publicados no livreto Zona Sub
(dezembro de 2012) e outros ainda inéditos.**

[poemas d'A CIDADE FRITA]

...cidade, te
quero qualquer coisa de minha
relâmpagos saraivados de sabores
terra entre dedos domingueiros
abraços d'avó querida
te quero silêncio latente (latido
miado, um berro forte)
ar... efeito: o tempo da morte te
quero alarido ronco uma dose ausente
um dia nublado, saudade
o gemido da gente



previsão do tempo

o morto esboçado no chão com sua moto
não é lembrado no Mercado Central
onde cresceu e há anos não aparece
o recém nascido Evangelina Rosa grita
[primavera rouca
coro que anoitece os olhos do pai
pétalas de aço enferrujado rasgam o asfalto
Frei Serafim meio do dia da
quentura dos infernos
ônibus tiram fino das garotas CPI todas iguais
a cidade respira pulmões encardidos
e o som vibrante de linhas com cerol nos
[postes do Mafuá
trilha o cotidiano de almas estendidas em varais

posso te dizer uma coisa?

ao descobridor Arnaldo Albuquerque

que os homens andem vagarosamente
passos lentos corredor
que os móveis estejam empoeirados
telhas quebradas goteiras
que o dia pese aos poucos no peito
tardes praças calores

que eu caminhe contigo,
aceite tua bebida!

se estive pensando no rio,
nos banhos não dados todo este tempo?
em tarde de recusa saldões jaquetas
a sombra ainda me agrada os membros
relaxos, contornos

do dia que nunca vi Cecília

quando pensei em Cecília
a primeira vez
&la
ainda não existia
andava eu por aí, carregado
da necessária tristeza
zigzagueando fogo nas calçadas
cidade desmoronando terraços vizinhos
quando pensei em Cecília primeira vez
só a palavra Cecília enfurecia
o seu nome ecoando na quentura
Cecília, Cecília... (mulheres!)
inaugurou este poema

despertar

ao escritor Assis Brasil

urubus nos postes do Parque Piauí
esperam miúdos de frango jogados na mesma rua
onde Assis caminha com o Brasil no peito
na cabeça na caneta rumo ao mercado

uma carroça de massará
range ferro com ferro
a ferrugem a madeira o capim
o chicote nas costas do animal

o bater de asas da liberdade
rumo à carniça

o sino do motoqueiro do gás
o silêncio de Assis

na manhã: não importa
todos os ruídos são despertos

delírio ao meio-dia

ao meio-dia:
temíveis ondas de calor!

algumas nuvens ainda tornam a cidade nublada
claro-escuro / óculos escuros

a sensação térmica dispara botões abertos
copos d'água, tragos

idas à tabacaria

poentes bancos de mármore circulam a praça seca
pessoas escondidas entre outras (refresco!)
gargarejos, risadas, lamentações

ao meio-dia
anúncios comerciais em bicicletas falantes:

fogo! fogo! fogo!

fotografia

as bachianas que escapam do balé de Teresina
misturadas ao som de coisas mortas e ao gosto
[de acontecimentos inexistentes
integram-se à paisagem da praça numa tarde
[de terça-feira

num raro passeio
o olhar vagueia no silêncio das formas esquecidas
tudo é novidade e desencontro

o azul não é leve nem produz carinho
o contorno torto e opaco
o vermelho está morto!
o amarelo? esbranquiçado, adoecido

os bancos desabitados
ensimesmados

e o coração do homem que passa sozinho,
nublado

Av. Maranhão

sol
sol sol
sol sol sol
sol

sete sóis flagrados à beira do rio
galhas desarrumadas no acostamento
torres de braços abertos que sustentam
alguma informação:
filhos de alta tensão

sob a velha Ponte Nova
enfrentamentos à claridade da tarde
olhares acompanhando motoqueiros
motéis de crimes suspeitos
cheiro de lençóis manchados

não quero mais teus abraços grátis,
nem teu olho de sucata
passageiro de todos que riscam a avenida

m o n d r o n g o s a

falta d'água

embrulhados pelo tecido da tarde
saímos os dois suados

na mesa posta, xícaras facas colheres
café ~ fervendo ~ apitando na chaleira
margarina derretendo nos pães das quinze horas
o cheiro do leite quente por toda a casa escura

a TV desligada não avisa os próximos três dias sem água

desleixo,
nossos corpos: aquecidos e com sede
afogados
largados na cama

a Tabuleta é um bairro pesado

durante o dia feéricas ondas de calor com areia
misturadas ao óleo diesel borracha ferrugem e saudade
envelhecem acontecimentos presentes

torrão chapado no corisco

acabaram com teu engarrafante torto balão
teu centro reformaram reto, encruzilhante
porto das miragens litorâneas que brotam

[do asfalto meio dia

Av. Barão de Gurguéia com a BR 343

à noite, junto de gestos precários
homens sem sombra, partes da clandestina escuridão
são destruídos pelo peso de grandes Scania

[que rompem pra Timon carregadas de sal

adiante, zona sul, esquina da Mapil
garotas de esqueléticas formas, comedoras de brasa
cupidoras de fogo!

atiçam corações feridos de aço e sucata,
esmagados pelo esquecimento



Parnaibeach

por uma estrada que segue firme sem curvas,
um chão de terra fina - negras manchas havaianas

pelo tempo que se arrasta dentro do rio em movimento
as galhas ferindo as águas, aviões
rasgando mágoas

pelas coisas sangradas com calma (braços
abertos em asa) o rio promove o esperado reencontro
a promessa de água adiada há anos

**o entardecer baldio no terreno
entre o Estádio Lindolfo Monteiro e o Verdão**

vigas inacabadas miram o céu,
refletores desligados do estádio

na quase solidão do cimento esverdeado
vermelhas Monark's velozes
inauguram cicatrizes, rachaduras no chão

na boca o gosto
de limão, ardor azedalaranjado
de um pôr-do-sol metálico

sísmicos abalos no meu peito
anoiteço ferrugem à beira da calçada

**Ed. Silvestre Saraiva de Siqueira,
Bar Canto Alegre**

não houve canto aquela noite

o rigoroso som que escapava do Diver Box
[extravagava os ânimos alheios
constelações de estrelas salientes que jorravam
[em cascos de Kaiser quebrados

r ú t i l o s c a c o s s u s p e i t o s

(som agonizando nas alturas, olhares sinuosos no
[mármore distante, madrugantes clamores ferozes)

noite aflora faunadentro
silêncio no afago de pernas
embaixo das mesas

Poemaduro

te
escrevo
poemaduro

feito água

/não em dose/

substante presa
num copo de vidro

de plástico ou de barro

água
água solta

sanitária! cáustica!
desinfetante!

água
água doida

oxigenada! ardente!
alucinante!

>>>>>>

naquela noite – incêndios pela casa enquanto
[todos dormiam
procurei escórias, ruídos, suspiros

insone
restaurei gemidos

sangrados,
sussurros

na ponta da língua, bico do seio
na flecha (na lança)
defuntas metáforas despertaram insalubres

habitantes do quintal molhado:
metais enferrujados / lâminas de facas
e restos de louça quebrada

sem a DUREZA costumeira do dia,
rumorejavam partes da noite
(noite brejeira)

te
escrevo
poemaduro feito água

água

a cidade frita II
- variante da urbe acalorada

a cidade frita
a cidade frita entre rios
assalto!
asfaltobrita calafrios

a idade grita
a idade grita entre pernas
sal
sal-limão
sangue menstruação

Centro Norte

num puta boteco pros rumos do Verdão
o tempo parado num relógio sem pilhas
a vida, ferrugem do balcão, no fim
aos poucos... vencida

os velhos não se olham mais nos olhos
nas paredes, mulheres desbotadas com garrafas de
[Catuaba Guaracy
fazem moças sexo ágil de fora

perderem
o sentido

a alma do bar está acesa numa lata de sardinha
[com querosene
o coração dos homens lá dentro
vai sem muita pressa

Café Art Bar

da tarde que segue nervosa os homens surgem suados
carregados de preocupações, destinos a esmo
- me vê uma Antártica gelada
lá fora, Praça Pedro II, a claridade destrói o asco
ferrugem que incendeia um portão velho
na entrada de um estacionamento

a urbe urge roncões trôpegos
a tarde é consumida dentro de um café

Clube do Vinil, 2010

música: abraços: derrotas:
homens bebem no centro da cidade!

naquelas mesas do Clube dos Diários
entre
velhos discos novos amores
está o centro daquelas vidas naquele momento

alta noite vai quente
o sexo de todos entre pernas,
também

**conversávamos
na chapada iluminada**

a banda tocou outro jazz
meu peito elétrico

sonhei contigo
noite inteira

Teresina, New York:
Praça da Bandeira

aparição

quando hemisférico
Pajé rompeu o horizonte da praça,
emaranhados de capim seco não rolaram
o vento, áspera música em desalinho
não ficou mais forte quente frio
nem houve chuva sol intempérie qualquer

(os morcegos já habitavam outra praça)

dois garis alaranjados varriam copos descartáveis
da calçada do Rex, quando Pajé
manquitolando indiferente, desapareceu
Rua Senador Teodoro Pacheco
abaixo

inscrição

ao poeta Paulo Machado

no meio do tempo e da história
das almas que estão penadas
do comércio que está fechado

da praça deserta

estamos todos, juntos e
sozinhos
num poema de dezembro



colírio meus olhos abertos
vermelho teus pés descalços
cachorras palavras desertas
cigarros queimando em março

rabisco teu nome parede
cerveja meu verso alado
faisca menina com sede
arisco retrato gelado

isqueiro fumaça pra cima
alísio geral insone
teu corpo latido com rima
faisca menina com fome

desisto do rastro caminho
termino o poema
sozinho

MLeITE, RODRIGO / 1989
POEMAS D'A CIDADE FRITA / 3ª EDIÇÃO
EDIÇÕES PAISSANDU / TERESINA: 2013

RODRIGOEMELEITE@GMAIL.COM
AMUSAESQUECIDA.BLOGSPOT.COM.BR

